

# EDUCAÇÃO: O MAIS IMPORTANTE PROBLEMA — 2

## Pelo Prof. DELFIM SANTOS

NÃO IMPORTA CONTINUAR a lista do que não temos porque na verdade não temos nada daquilo que importaria ter para que o problema da educação nacional abandonasse a triste situação em que se encontra. É difícil a situação dada o estado a que chegámos: o número de bolsas de estudo concedidas pelo nosso Ministério para aperfeiçoamento de estudos pedagógicos é ridículo em comparação com o número de bolsas concedidas para estudos de especialização de cuja importância não se duvida mas também sem dúvida se afirma que são menos importantes e menos urgentes de que o número de bolsas requerido para a formação de pedagogistas, de orientadores, de peritos. Quando muito, entre nós resolve-se mandar saber em viagem agradável de turismo o que se faz neste ou naquele país por pessoas que nem sempre aparecem qualificadas para esse serviço e que, de regresso, elaboram um relatório descrevendo o que viram e às vezes o que se faz que nós não podemos fazer porque o nosso plano de estudo, pe plano ainda existe, não comporta alteração substancial que surta qualquer efeito com alguma fecundidade. Deve haver muitos relatórios, ou pelo menos alguns que mereceriam melhor sorte, mas a sorte de todos é igual. Falámos há pouco em plano de estudo e duvidamos que ele ainda subsista depois de tantas grandes e pequenas reformas a que tem sido submetido. O primeiro plano de estudos de cunho moderno que se planeou em Portugal e que se deve a Almeida Garrett, que o elaborou por sugestão do senhor D. Pedro IV em 1834, é ainda nas suas linhas gerais o que subsiste como plano embora desfigurado, retorcido e quase inoperante. Os nossos graus de ensino actuals estavam previstos nesse plano: as alterações posteriores limitaram-se à criação de escolas deste ou daquele tipo, depois à sua extinção e, o que é mais grave, parece que foram as extintas as que mais contribuíram para dar à nação a melhor consciência da sua organização pedagógica e finalidade formativa. Hoje, excluindo algumas escolas de formação profissional, o nosso ensino é evidentemente caótico. Pe-

dagógicamente tudo se passa pior do que antes.

Supôs-se que era progresso aumentar o número de exames. Hoje, há exames para tudo: exames de entrada, exames de saída, a maior parte do ano lectivo transformou-se em ano examinante. Só um acesso ainda hoje é livre: o acesso à escola primária. Mas já o não é a saída deste grau de ensino e a entrada em qualquer outro que se lhe segue. E isto é uma anomalia: pretende-se acabar com o analfabetismo e não se permite que as crianças continuem estudos sem ter dado provas duplas de que podem ingressar na nova escola. Ora, isto é, sem exagero, um disparate. É a própria escola durante a frequência que deve orientar os alunos para o ensino que de acordo esteja com as suas aptidões e capacidades. Mas nada disto se faz; a escola perde tempo, os alunos perdem tempo, e, muitas vezes, muito mais do que tempo. A escola foi subtraída à sua principal missão e ao exame foram atribuídas virtudes que nunca teve. Pode-se conceber e admitir que o ingresso em certas escolas esteja condicionado pela prestação de provas com suficiente maleabilidade para indicar que o pretendente à sua frequência tem alguma possibilidade de êxito, sobretudo quando essa escola é medial e exige longos anos de preparação, mas já não se concebe e não se admite que outras escolas que são preparatórias para o trabalho, como as escolas técnico-profissionais, exijam um exame que permita a entrada àquelas que querem trabalhar e, mais do que isso, trabalhar melhor. Negar a entrada às crianças que pretendem frequentar o ensino profissional é o mesmo que dizer-lhes que elas não têm possibilidade de trabalho. O que é grave e por dois motivos: porque se pretende a extinção do analfabetismo e porque ninguém é tão pouco dotado que não tenha capacidade de ocupação em qualquer trabalho. O mal está em que o ensino profissional passou a imitar o ensino liceal e não organizou o seu quadro de estudos de molde a poder orientar na escola os alunos para a espécie de trabalho para que sem dúvida têm de ser capazes. Isto refere-se sem dúvida à população es-

colar normal; para os outros há os institutos especiais de reeducação e terapêutica convenientes. Mas em qualquer caso exames de entrada em qualquer escola aos dez anos de idade é um contra-senso.

Aos dez anos de idade a criança está na fase média de um período que convém não perturbar. Ela está ainda na fase de consolidação do aprendizado da escola primária e ainda não superou por insuficiência evolutiva todo esse saber que apenas retém para repetir sem compreender. O facto de noutros países ainda se manter tal estado de coisas não assume qualquer valor exemplar. A pedagogia contemporânea que tem estudado a criança nas suas fases evolutivas, nos seus processos sucessivos de pensamento e de imaginação, nas características da sua apreensão memorial, nos seus interesses e formas de curiosidade, nas suas fases de adaptação, reconhece hoje sem discrepância quanto tem de antipedagógico e brutal a prestação de provas de exame com tal idade. O primeiro exame com as consequências exigências de qualquer exame nunca deveria ser feito antes dos doze anos e nunca qualquer ensino que viesse a exigir provas deste tipo para acesso ou não acesso à qualquer escola deveria terminar antes dos doze anos. E isto porque os estudos de psicopedagogia do nosso tempo mostraram, podemos dizer definitivamente, que só nessa idade surge na criança a capacidade retrospectiva de domínio dos conhecimentos anteriormente adquiridos, de compreensão dos primeiros lares de organização mental dos saberes que a escola lhe transmitiu e da maturação da noção de seus até à fragmentária. Só neste momento a criança pode dar conta do que aproveitou na sua aprendizagem, e só nessa altura nos podemos atribuir a responsabilidade de a dirigir para estes ou para aqueles estudos depois do conveniente período de orientação que qualquer escola deve possuir no seu plano de estudos. Não é agora momento de expor o que se faz em Inglaterra ou na Itália especialmente nestes domínios, pois con-

(Continua na pág. seguinte)

## JÁ ME ESQUECIA: FELIZ NATAL!

Não há dúvida que há uma ética da vendagem. Feroz. Estreita. Singular. E o companheirismo. É a malta.

Mas isto é palavreado. A história é que conta como as coisas são. Pelo menos, como se passaram.

Tudo aconteceu naquela tasca de caldo-de-camarão que, por caricatura nos «leões d'ouros», se chama o «Lado de Gessos».

A casa tem os seus frequentadores. A rapaziada. É natural que o dono a quisesse ter reunido neste Natal. Um tanto por isto, um tanto por outras razões, o Zé, todo encostado ao balcão, bebia as suas «goliadas», desde o fim da tarde. Já estava tolidado — é certo — mas é assim que a malta se prepara para a consoada.

O dono, o «só» Chico, esperava mais gente. Acreditava que toda a rapaziada, que bate à casa, o acompanhasse no balcão da meia-noite. Pensava mesmo fechar a porta lá pelas onze.

Um ou outra lá chegando e juntava-se ao Zé, nuns copitos traiçoeiros. Até que, todo «encaderna-

do» por fora, chegou o Julio da Bica. Vinha de gravata, casaco de racha-atrás e sapato com fiavela. Era um insulto, como uma terrina de prata numa cela da malta.

Mas ele explicou: «vinha só para dizer que não ficava».

«Porquê?», perguntaram, á uma, o «só» Chico e o Zé.

«Eh pá! não vês que eu me fui «enforçar» para ir a uma casa fina. Gente que não é da malta: o padastro da minha madrinha. Um gajo que tem muito «carroço», onde eu não posso ir mal vestido».

O dono da casa contemporizou, com um fechar de olhos e um encolher de ombros. Mas o Zé, com todas aquelas «goliadas» no bucho e porque não gosta de facadas na garganta, disse apenas: «Vais se eu quiser?»

«Eh pá! Mas não vê que me interessa ir a casa dum tipo que me pode ser útil».

Estabeleceu-se barafunda.

«E por isso abandonas o grupo?»

«Deixas-nos a falar sózinhos?»

«Vais para o final!»

«Atraícos os companheiros!»

Mas o Zé pôs fim à conversa. E, agarrando o Julio, disse-lhe mesmo ao pé da cara: «Vais se eu quiser?»

O vinho azedou, especialmente, quando o rapaz atirou com esta: «Tramem-se vocês, que os meus interesses estão primeiro que o Natal com a malta».

Nessa altura, o Zé segurou-o pela racha do casaco e, num pequeno esforço, raspano-lhe a fajota até à gola. Depois, virou-o para ele e deitou-lhe as mãos às bandagens, deixando-as em farrapos. Por fim, fez-lhe a camisa em tiras.

Em seguida, segurou-o no seu corpo alentado, levou-o até à porta e atirou-o para a valeta, exclamando: «Eu não disse que tu só ias se eu quisesse!»

Os outros acompanharam a farruca. Mas o Zé ainda tinha alguma coisa a dizer e, todo virado para trás lançou, com desdem, este vómito: «E já me esquecia: Feliz Natal!»

TAVARES da SILVA

Nota do dia

OLHAR A VOLTA E PENSAR

HÁ UM ARMISTÍCIO na luta de toda a gente. Mesmo os mais desprotegidos se deixam tocar pela ilusão. Pára tudo quanto não seja o imediatamente irremediável. E fica esta sensação de interregno, de intervalo do espectáculo do mundo, o cessar-fogo nos sectores de combate no Vietnam, a festa nos hospitais, os olhos episódicamente felizes dos pobres e doentes que não se curam mais da pobreza ou da doença, as árvores de Natal que esperam o Dia de Reis para ir na carroça do lixo, as mensagens de boas-festas que os carteiros carregam de mistura com cartões de pêsames — o quadro fácil do contraste que os observadores da vida sempre neia surpreenderam e que se pintam no soneto de Olavo Bilac.

Mas há mais. Há o espectáculo novo, que nos maravilha mas já nos não surpreende, do homem passando-se no espaço, a saltar de planeta em planeta, o mistério poético da Lua pálida a dissolver-se no prosaico das crateras, da lama, das superfícies irregulares e sem encanto. É um sonho que se desfaz para se formar outro sonho, este agora ao nosso alcance, do homem não mais se considerar prisioneiro da Terra, para empreender, agora sim, a grande aventura do Universo.

Tudo isto junto, as pequenas esferas brilhando de cores nos ramos de pinheiro ou o trânsito no grande espaço, a ilusão certa e a realidade admistvel, e presente e o futuro aparentemente no mesmo prato, tudo isto junto é maravilhoso e pode levar-nos a uma avaliação diferente da medida dos problemas do nosso dia-a-dia. Valerá a pena dar tamanha importância a tudo isso? Valerá a pena dar tamanha importância ao nosso dia-a-dia? É uma dimensão nova.

É uma dimensão nova e uma dimensão diferente, através da qual se sentem alteradas todas as perspectivas a que nos tinham habituado, as de cada um de nós e as do pequeno submundo de que fazemos parte, as do mundo imediato que nos rodeia e as do grande universo em que nos supomos integrados. Tudo isso obriga a pensar, tudo isso parece para rever. Toda a gente é capaz de assentir rapidamente na mesma conclusão que sim, senhor, que é para rever. Mas saberá toda a gente ser capaz de se dar ao esforço de pensar com gente?

É isso que se pede. O espectáculo do mundo corre apressado de mais para que seja fácil reter imagens que já não são, que já não têm vida própria e que permanecem na nossa retina, julgamos nós que as mesmas que eram ou que foram, mas que se vão diluindo e apagando nas realidades reais que não são simplesmente as da nossa criação subjectiva: onde está, onde continua a estar a coincidência entre o que é e o que julgamos ser, entre o que queremos e o que podemos?

O mundo das Ideias, o pensamento dos homens, pelos séculos fora, tornou possíveis e necessárias as regras e a mecânica da civilização em que vivemos. Que prodigiosos frutos deu a árvore dessa civilização! Mas agora, parece que não é já a civilização que condiciona os prodígios, mas, ao contrário, que são esses prodígios que condicionam a própria civilização. Qual? É esse o drama, o não sabermos. Mas é preciso procurar, pensar, pensar sempre. Não será sonhar? Mesmo que seja: toda a vida houve sonhos — e quem desdenhasse deles...

MÁRMORES

— DE —

SOUSA BAPTISTA

Casa especializada no preparo de mármore — Oficinas completas para todos os trabalhos — Pedreiras em Pero Pinheiro e Vila Viçosa — Louças sanitárias e materiais de construção

29, Praça do Município, 36 — Largo de S. Julião, 14

Telefone 32.76.43 — LISBOA

OFICINA DE SERRAÇÃO DE MÁRMORES

Pedra Furada — Tel. 297-829

Deseja a todos os seus clientes e amigos BOAS FESTAS.

# Festas de Natal

## AS BOAS-FESTAS DO MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES NO AEROPORTO

O ministro das Comunicações esteve ontem no Aeroporto da Portela para apresentar pessoalmente as suas boas-festas a todos os profissionais ali impedidos em trabalhos de rotina.

Durante a visita que começou pela torre de controlo e se estendeu ao Serviço Meteorológico, Centro de Controlos Regionais e outros serviços, o ministro foi acompanhado pelo director-geral da Aeronáutica Civil e seu adjunto, director do aeroporto, director do Serviço Meteorológico e chefe dos Serviços Técnicos.

### Da Citroen (em Mangualde)

MANGUALDE, 26 — A Citroen promoveu uma festa para os seus empregados e familiares, que foi muito apreciada. Artistas da Rádio e da Televisão participaram na festa, animando a assistência que encheu a casa. No decorrer do espectáculo foram distribuídos a todas as crianças filhas dos empregados e operários brinquedos que as puseram radiantes. Por fim procedeu-se à distribuição de consoadas aos empregados e operários.

### Dos filhos dos empregados da Messa

Com o patrocínio da empresa e organização do Sr. D. P. Messa, realizou-se no Cine-Teatro Carlos Manuel, em Sintra a festa de Natal dedicada aos filhos dos seus colaboradores.

### Da Junta de Freguesia da Santa Justa

A Junta de Freguesia de Santa Justa distribuiu um bode, em dinheiro, às famílias mais necessitadas da área da sua jurisdição. Agradecemos o donativo enviado com destino aos pobres protegidos pelo nosso jornal.



Um aspecto da assistência à festa de Natal no Hotel Estoril-Sol

### No Hotel Estoril-Sol

Cerca de mil pessoas participaram, alegremente, na festa de Natal dedicada aos filhos das empresas do Hotel Estoril-Sol. Encheu-se por completo a ampla sala de jogos daquele estabelecimento hoteleiro e todos os presentes seguiram, com agrado, um acto de variedades que esteve a cargo do próprio pessoal do hotel. Foi servido

### Dos combatentes dos concelhos de Oeiras e Cascais

A delegação de Oeiras do Liga dos Combatentes contemplou com donativos no total de 6540\$000 oitenta dos seus filhados mais necessitados, antigos combatentes ou expedicionários, e viúvas residentes nos concelhos de Oeiras e Cascais.

### No Sport Lisboa Amoreiras

A exemplo dos anos anteriores, o Sport Lisboa Amoreiras distribuiu, ontem, dia de Natal, um bode a pobres da freguesia Amoreiras.

Foram contemplados setenta necessitados que receberam de dadas das mãos das senhoras da secção de beneficência daquele clube.

### No Juventud de Galicia

A comissão de festas da Juventud de Galicia — Centro Gallego — mantendo uma tradição que tem 60 anos, promoveu, ontem, dia de Natal, mais uma tarde infantil dedicada aos filhos dos seus associados.

A festa, que principiou às 16 horas e teve a presença de cerca de duzentas pessoas, consistiu de exibição de filmes de desenhos animados e da grande metragem «Lola Candeira Cigana». Nos intervalos foi distribuída uma merenda a cerca de oitenta crianças, às quais o director do Centro, sr. Joaquim Cabido Blanco, fez entrega de brinquedos e balões.

### No Clube de Futebol Varense

O Clube de Futebol Varense, distribuiu generoso, alimentícios e brinquedos a 25 crianças pobres. Assistiram os directores e as senhoras da secção de beneficência.

### Do pessoal dos Laboratórios Medicamento

Nas novas instalações fabrica da empresa, em Quezda de Bairo, decorreu a festa de Natal do pessoal dos Laboratórios Medicamento. Assistiram os administradores, sr. dr. Miguel Cocco, António Diogo Bravo, eng.ª Chaves Costa e Paulo Miguel Cocco, e numerosos colaboradores de todo o País. Do programa constou um espectáculo para as crianças distribuição de brinquedos e lembranças aos presentes e lanche. Três pequeninos e um simpático Pai Natal encareceram-se da distribuição dos brinquedos e leram mensagens de esperança às suas famílias.

## A esposa do Chefe do Estado presidiu à distribuição de um bode no Casino Estoril

O tradicional bode natalício, promovido pela Estoril-Sol, beneficiou, este ano, uma centena de famílias necessitadas, da zona onde duas centenas de crianças assistiram a exibição de filmes e receberam brinquedos, além de lhes ter sido servido um lanche.



A esposa do Chefe do Estado entrega bode a uma das pobres contempladas no bode distribuído pelo Casino Estoril. Junto da sr.ª D. Gertrudes Thomaz vêem-se as sr.ªs D. Maria Emilia Teles e D. Ana Maria Teodoro dos Santos

aquela empresa exerce a sua actividade. A distribuição presidiu, como já vem sendo hábito, a esposa do Chefe do Estado, que se fez acompanhar de sua filha, D. Natália Thomaz. Entre as senhoras presentes estavam D. Maria da Conceição Azevedo Coutinho, D. Clarisse do Coato, D. Elvira Amaral e D. Maria Emilia Teles e D. Ana Maria Teodoro dos Santos, esposas dos administradores da Estoril-Sol, sr. dr. Manuel Teles e Jorge Teodoro dos Santos, que também estavam presentes, acompanhados pelos funcionários superiores sr. António Esteves e tenente-coronel Almeida Andrade.

O bode era constituído por variados generos alimentícios, nomeadamente os que entram habitualmente na confecção da ceia de Natal. Após a distribuição do bode, que decorreu no átrio do Casino Estoril, houve uma festa dedicada aos filhos dos que ali trabalham. Mais de

### Do firmo «Metalurgico Cosla»

No passado dia 22, realizou-se, como fora anunciado, uma festa dedicada aos filhos do pessoal da Metalurgica Casal, S. A. R. L., em Aveiro. Depois da exibição de um conjunto musical e de um grupo de palhaços a administração da empresa distribuiu brinquedos e guloseimas que fizeram as delicias da petizagem.

No dia seguinte, realizou-se um almoço de confraternização do pessoal, sendo, então, apresentado o novo director técnico, sr. eng.º Pregitzer. Usaram da palavra o presidente do conselho de administração, sr. João Casal, o novo director e o cesante, sr. Robert Zipprich, que, no final, foi alvo de uma manifestação calorosa. O sr. Zipprich continuará a exercer as suas funções de administrador da empresa e de conselheiro técnico.



### AS PESSOAS QUE CONHECEM A DIFERENÇA ESCOLHEM O WHISKY «BLACK & WHITE»

AGENTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL:  
**J. CANDIDO DA SILVA**  
LISBOA: Avenida de Berna, 42-A—Telefones 760194 e 776340  
PORTO: R. de S. Luis, 12 a 22 — Telef. PPC 28251/2/3/4/5 e 37045  
COIMBRA: R. Dr. António José de Almeida, 273 a 277 Telef. 27477

## Crianças do concelho de Sintra tiveram a sua festa de Natal no Cine-Teatro Lido (Amadora)

Por iniciativa da empresa do Cine-Teatro Lido, com a colaboração do nosso jornal, realizou-se ontem à tarde, pela primeira vez, em ambiente de muita alegria e grande animação, uma festa de Natal dedicada às crianças pobres do concelho de Sintra.

Após a primeira parte do programa, preenchida com números do amuse-balls, para o qual contribuíram os ginastas olímpicos Lourdes, Napoleão e os seus endiabrados chimpanzés amestrados, D. Aquilando, 1.º violinista internacional com a sua «Fantasia Mágica», o conjunto lírico Cantares de Portugal, gentilmente cedido pelo restaurante «Guzto» e os já consagrados palhaços

internacionais Humberto, To, 16 Cosmop & C., foi distribuído, a cada uma das presentes crianças, um lanche, brinquedos e um sobrescrito contendo uma quantia em dinheiro.

No Asilo de S. João Ag 73 educandas do então n.º 15 de S. João viveram, ontem, à sua volta um ambiente de especial carinho, numa festa da família especialmente significativa, para quem se encontra na orfanidade. Houve um almoço, em que participaram também os directores da instituição e, a meio da tarde, as educandas receberam, com suas famílias, prendas evocativas deste Natal.

## Educação: O mais importante problema

(Continuação da pág. anterior)

quanto a experiência dos outros nos possa auxiliar no conhecimento das nossas exigências, o fundamental não está em imitar, mas em organizar uma escola que seja eminentemente nossa e que não valha só porque assim se faz neste ou naquele país mais adiantado do que o nosso. O nosso ensino consciente da sua própria infundecidade julgou que tudo se corrigiria com a obrigatoriedade de provas de exame.

Mais uma vez se verificou o que em outros domínios infelizmente se tem verificado: pretendeu-se corrigir o mal com outro mal maior. Pretendeu-se abolir a responsabilidade da escola com a irresponsabilidade de um acto que não significa nada nem tem qualquer valor. Que seja necessário um quarto de hora em condições irregulares de ordem específica para validar ou invalidar o destino de um jovem que durante meses es-

teve prestando provas é o maior desmentido da utilidade, da seriedade e da responsabilidade que deveriam pertencer aos professores que ensinam. E estes nunca deveriam delegar a sua responsabilidade aos professores que examinam quando não são eles próprios que sobre si cometem esse acto de desautorização. Não, não é com exames, com muitos exames, com pontos secretos ou com qualquer mecânica administrativa e cuidadosa de grande sigilo que a causa da educação nacional poderá cumprir a missão que lhe compete. A escola deve ser dada a possibilidade de, em qualquer momento, convenientemente informada pelos seus peritos orientadores indicar se tal aluno deve ou não continuar os estudos, ou se deve passar a outra escola compatível com os seus interesses e capacidades averiguadas. De outro modo, as consequências para a sociedade são terríveis. Os escolares procuram fora da escola repetidores que os auxiliem a melhor enganar os mestres nessa far-

sa dos exames que se tornaram nos dias de hoje a única coisa que importa. Não é o próprio desenvolvimento mental, não é a compreensão das matérias do programa, não é a autêntica formação que devia ser o escopo final de cada um, que tem importância, mas sim passar no exame com saber ou sem saber e com nota que some as decimais suficientes. Pode-se admitir ou continuar a amittir tal situação? É-nos lícito continuar a enganar e a sermos enganados com tais processos flusórios e imorais? Certamente que não. É urgente a reorganização dos nossos estudos especialmente nos sectores que mais influência possuem no esclarecimento da mentalidade nacional. Não são necessárias mais reformas, elas causaram tudo isto que temos apontado; o problema é outro e o momento chegou de acabarmos com improvisações para conservar o que já não tem direito de subsistir.

DELFIN SANTOS